



“Não vejo nenhuma diferença entre a imagem e a palavra. Imagem e palavra não se dissociam.”

ROGER MELLO

AS ARTES VISUAIS E A LITERATURA: AS EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS DOS LIVROS ILUSTRADOS DE ROGER MELLO

Em tempos de cultura digital, tornou-se um desafio ainda maior o incentivo à leitura de livros. Imersos em um mundo atrativo e com infinitas possibilidades, crianças e jovens estão conectados em redes onde não são apenas leitores, mas, também, produtores de conteúdos e significados. Nesse sentido, a demanda editorial é por livros mais complexos e artísticos, que apresentem questionamentos e conhecimentos e que permitam a reafirmação do leitor em sua condição humana, ao mesmo tempo que contribuem para a sua formação artística e enquanto leitor.

O livro ilustrado é o tipo de obra artístico-literária com essas possibilidades de leitura, pois combina as narrativas visuais e verbais¹. Diferentemente dos outros livros com imagens, essas obras envolvem o leitor de imediato por causa das suas propostas estética e temática, da relação que se estabelece entre imagens e palavras e da originalidade da produção gráfica. Conhecido nacional e internacionalmente por seu trabalho como ilustrador e escritor, Roger Mello representa essa geração de artistas autorais brasileiros, e seus livros ilustrados apresentam experiências estéticas únicas.

Nascido em 1965, em Brasília, o autor teve contato com o universo das artes visuais desde a infância, ao morar na cidade moderna criada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, que contrastava com a paisagem do cerrado, e ao conviver com a diversidade cultural da população. Também teve outras experiências no período da ditadura, em que o país experimentou conflitos sociais, políticos e econômicos.

Formado em desenho industrial e programação visual, o autor já trabalhou com dramaturgia, quadrinhos, animação, design gráfico, direção de arte... Ufa! Roger parece ter vocação plural e múltiplas atividades artísticas. Inclusive, foi aluno e aprendiz do ilustrador e escritor Ziraldo, com quem trabalhou na *Zappin*. Aprendeu com ele que o livro infantil pode ser revolucionário e que o artista pode ser tão experimental como a criança quando imagina, produz e inventa. Por isso, desde o início de seu trabalho como ilustrador, Roger cria imagens com diferentes propostas e técnicas.

Nos livros ilustrados do autor, encontramos narrativas visuais inovadoras, compostas com elementos das artes plásticas — como colagem, caneta esferográfica etc. —, da fotografia e do cinema. Essas escolhas permitem que os leitores tenham diferentes experiências estéticas durante a leitura e educam o olhar para diferentes possibilidades artísticas.

O autor também explora uma diversidade de temas, como: a valorização da cultura oral, o imaginário nacional, as questões sociais brasileiras e mundiais — sobretudo da infância —, os sentimentos, as emoções e os relacionamentos humanos etc.

¹ A leitura é uma prática de linguagem importante, que está presente na escola como um dos principais eixos em língua portuguesa, mas ela também é essencial aos demais componentes. Entre suas interpretações está a fruição estética de textos e obras literárias. Durante muito tempo, a palavra “texto”, no contexto da leitura literária, esteve associada ao texto verbal, mas a leitura de obras como o livro ilustrado (também conhecido como álbum ilustrado, livro-álbum etc.) evidenciou o conceito de texto como sendo verbal, visual e multissemiótico. A multimodalidade do livro ilustrado reforça a importância da combinação das linguagens visual e verbal na criação deste objeto – BNCC: competência específica de LP 3 – EF15LP04 e EF69LP05.

Para Roger, não é um problema apresentar narrativas visuais abstratas, temas questionadores e projetos gráficos diferentes, pois o livro ilustrado é uma possibilidade e uma experiência estética.

Não é à toa que Roger Mello é um autor premiado. Ele já recebeu os prêmios Jabuti, FNLIJ e Ofélia Fontes, entre outros. Em 2014, foi o primeiro ilustrador brasileiro a receber o Hans Christian Andersen na categoria ilustração, prêmio considerado o Nobel da literatura infantil e juvenil.

Para conhecer um pouco mais sobre Roger, leia, a seguir, uma entrevista em que o autor fala sobre sua relação com a arte e a literatura, sobre seu processo criativo e a conquista do prêmio Hans Christian Andersen de ilustração. Apresentamos, também, alguns livros e sugestões de atividades que podem ser realizadas a partir deles em sala de aula. Esperamos, assim, que o leitor se sinta envolvido nas narrativas dos livros — afinal, como diz o autor, imagem e palavra não se dissociam. Boa leitura!

ENTREVISTA

Entrevista realizada com Roger Mello sobre leitura na escola, a relação dele com a arte e a literatura, seu processo criativo e o recebimento do prêmio Hans Christian Andersen na categoria de ilustração, em 2014.

Como foi sua relação com a leitura e a literatura quando criança e jovem? Que pessoas incentivaram sua leitura quando criança?

Quando eu era criança, lia muita coisa. É importante falar que cresci no período militar, em Brasília. Minha família nunca fez muita propaganda da leitura. Mas eles liam muito. E eu tinha vontade de ler porque via a minha família lendo e, sempre, havia uma biblioteca. A minha mãe é uma leitora, apesar de ela dizer que é péssima. Ela diz isso porque só lê histórias com enredo. Ela não gosta de poemas, por exemplo. É uma leitora de romance policial. A minha tia é formada em letras e biologia. E ela gosta de ler muito e de tudo. Já o meu pai, não. Ele não era de ler. Mas sabia os nomes das plantas e dos animais do Cerrado. Com ele, eu aprendi todos esses nomes não científicos, que acho muito bonitos e poéticos. Eu também era uma criança muito estranha. Não falava muito. E o meu lance era bicho. Bicho e livro. E quadrinhos. Antigamente no Brasil não tinha tantas livrarias como hoje

e, por isso, eu comprava livro e quadrinhos nas bancas de revista. Comprei mesmo! De pegar o dinheiro que eu tinha juntado para comprar livros e quadrinhos.

Quais livros marcaram suas leituras literárias escolares? Por quê?

Foram inúmeros os livros bons que tive que ler na escola, como os do Erico Verissimo, *Os meninos da rua Paulo*, de Ferenc Molnár, *O gênio do crime*, de João Carlos Marinho, a coleção Vagalume, além dos livros de Jorge Amado: *Mar morto* e *Capitães da areia*, entre vários outros. Era um colégio de ordem religiosa, que propunha leituras ufanistas. Quando os professores propunham leituras como essas, eram leituras praticamente subversivas por estarmos no período militar. E eu tive excelentes professores de literatura, que criavam atividades a partir das leituras que fazíamos. Agora, o livro mais emblemático para mim quando criança, porque fui eu que escolhi para ler, foi *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, também escrito por Jorge Amado, ilustrado pelo fantástico Carybé, publicado pela Companhia das Letras.

Quais eram seus ilustradores prediletos na infância [e na adolescência]? E hoje?

Em termos de literatura visual, gostava de Carybé, Santa Rosa, Calasans Neto, do próprio Ziraldo e de toda a galera do *Pasquim*, que eram amigos da minha tia. Eu também gostava muito dos quadrinistas franceses, como Moebius e Frédéric Othon Théodore Aristidès, que tinha um HQ chamado *Philemon e o naufrago do "A"*. Tinha também os artistas Nhô Caboclo, Noemisa e Galdino. Os ilustradores de hoje são muitos. Entre os brasileiros posso citar Mariana Massarani, Graça Lima, Ziraldo, Fernando Vilela, Odilon Moraes, Marilda Castanha, mas são todos bons! O problema de falar de um é que sempre falta outro! Tem também os companheiros de Hans Christian Andersen, como Kveta Pacovska e Wolf Erlbruch. Tem os portugueses, como Yara Kono e André da Loba; os iranianos, que são espetaculares, como Amir Shabani-poor; os coreanos, como Suzy Lee; os latino-americanos, como a Isol, entre muitos outros.

O que despertou seu interesse pela ilustração? E pela escrita?

Comecei profissionalmente como ilustrador porque já era designer. Mas uma coisa está associada à outra:

ser autor de imagem e ser autor de texto escrito. Desde criança, em Brasília, tive experiência com a arte de forma integrada, graças a Niemeyer, Lúcio Costa, Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, Burle Marx, Athos Bulcão etc. Eu também era fissurado por quadrinhos. Então, para mim, nunca houve uma separação entre palavras e imagens.

Em que momento você percebeu que poderia ser autor de livros para criança? Por que você acha que os livros que você ilustra são designados, principalmente, para crianças?

Em verdade, as pessoas acham que foi o livro infantil que inaugurou a ilustração, mas o primeiro rolo de papel já era ilustrado. Então, nesse sentido, apesar de trabalhar em diálogo com as artes moderna e contemporânea, eu sigo a tradição do livro que, na verdade, é um objeto de três linguagens: design, palavra escrita e imagem. Mesmo quando não existia livro para criança, o livro já era ilustrado. Por isso, na minha opinião, o livro com muitas palavras, como um romance, embora tenha ilustração na capa e apresente um projeto gráfico, tem o predomínio de uma massa de cor e um elemento tipográfico com blocos de texto diagramados. Neste caso, o livro é uma derivação desse livro que sempre existiu, com ilustração. O livro é esse objeto fantástico, porque ele é um intermediário eficiente que existe entre o adulto e a criança. O livro propicia um diálogo que nenhum outro objeto permite, como objeto artístico e de design, mas, também, como objeto narrativo. A possibilidade está em falar sobre temas e problemáticas que são importantes e devem ser abordadas, como o trabalho infantil de *Carvoeirinhos*.

Em uma entrevista realizada em 2015, você disse que “o livro infantil não serve para nada, não tem função, a função é tirar a função, é despragmatizar”. Como você acha que seus livros fazem isso?

Quando eu falo que “o livro infantil não serve para nada” é muito interessante porque muitos adultos querem que a criança entre logo no produtivo, como se a leitura tivesse apenas esse fim, desconsiderando aquilo que não faz sentido. Não estou falando contra o pragmatismo, que,

inclusive, é um nicho de pensamento filosófico. Uma coisa é o pragmatismo. Outra é a pragmatização da nossa sociedade e a rápida transformação da criança em um ser pragmático. Porque, depois, passamos a vida inteira fazendo dinâmica de socialização para voltarmos a ser menos despragmatizados. “Criança” é aquela que cria. Portanto, falo no sentido de liberdade e de despreocupação com um objetivo. Penso em um mundo a partir da função subjetiva e não da sua prática. Faço livro infantil para devolver a loucura às crianças. Porque a abstração presente nele não é questionada. E as crianças não têm preconceitos de início. O preconceito vai sendo construído, muito a partir da dificuldade do adulto de encontrar uma função e da tentativa de responder “para que serve isso?”.

Nessa mesma entrevista, você diz que “palavras e imagens são a mesma coisa”. Como um leitor percebe isso por meio da leitura de seus livros?

A criança é muito imagética, assim como nós também somos. E usamos muito as imagens para falar das coisas. Entretanto, quando falamos que vivemos em um mundo de imagens, geralmente, não é no bom sentido. O subtexto é ruim. Mas não precisaria ser porque o mundo de imagens é o mundo antes do advento da palavra escrita. Não se pode abrir mão da leitura da imagem. Não se pode atribuir o pensamento, o intelectual, o fazer intelectual apenas à leitura do texto escrito. É um erro, na minha opinião. Se fizermos isso, estaremos traumatizando e afastando os alunos da possibilidade do fazer imagético.

Em *João por um fio*, por exemplo. A própria palavra “texto” vem de uma visualidade. Enredo, estar enredado, estar em linha, estar feito com linha, essas são algumas das metáforas na literatura associadas ao elemento visual da tela, do tecido, que é uma visualidade, e a ligação com a nossa tradição latino-americana, anterior à chegada dos europeus. Está tudo ali em um texto paralelo. Nada disso é escrito na história. A ideia, ali, são frases, sempre com uma interrogação. Essa interrogação vira a agulha com a qual ele vai ter que fazer o próprio tecido. Em uma das leituras possíveis, e eu não vi isso na hora em que estava fazendo, o menino passa a noite sozinho com ele mesmo, abrigado por aquela colcha que o protege do frio e o abriga com histórias. Ao mesmo tempo, quando o peixe desfaz a colcha dele, ele é obrigado a fazer a sua própria cantiga de ninar e colar as palavras

para fazer uma colcha. Então, uma substituição dessa literatura da imagem, da narrativa da imagem para a narrativa da palavra, ele mesmo tem que fazer, e faz por uma necessidade, porque fica completamente sozinho. É uma interpretação a ser feita pela visualidade, pela leitura visual. Digo isso porque as civilizações andinas e da América do Sul, que inspiraram o livro, são muito mais visuais; mais imagéticas. O livro foi todo feito à mão. Ele foi desenhado com caneta esferográfica, lápis, lapiseira fina e, depois, tirei xerox.

Em sua opinião, como a escola pode educar o olhar das crianças para diferentes estéticas de ilustração?

Eu acho que as pessoas estão mais acostumadas a um tipo de imagem, com o cartoon ou algum desenho mais representacional de estética europeia. Embora muita gente também aceite estéticas como a nonsense de *Alice no País das Maravilhas*. Entretanto, nosso olhar ainda é muito eurocêntrico. Nós não estudamos as nossas próprias fontes estéticas e nem outras, como africanas, iranianas, indianas, peruanas etc. E isso é um paradoxo, porque vemos a arte, as cores e a estética brasileira como exóticas. Fomos acostumados e educados a ter esse olhar. Enquanto exótico deveria ser aquilo que vem de longe.

O prêmio Hans Christian Andersen, conhecido como Nobel da Literatura Infantil, que você recebeu em ilustração em 2014, foi o primeiro entregue a um ilustrador brasileiro. Qual a influência disso na produção de livros ilustrados brasileiros?

O prêmio Hans Christian Andersen mudou absurdamente. Uma loucura; um Big Bang. É o prêmio mais prestigiado do mundo na categoria. Só pelo fato de o Brasil ter cinco finalistas durante três anos já tínhamos ganhado. E sempre tivemos representatividade para ganhar porque temos inúmeros ilustradores incríveis: Ciza Fittipaldi, Ângela Lago, Graça Lima, Mariana Massarani e Fernando Vilela, entre tantos outros.

Ao receber o prêmio, você vira meio que embaixador, tanto no plano pessoal como no plano dessa projeção do fazer artístico. Fui chamado para ilustrar a capa do catálogo de Bolonha. Foi a primeira vez que um latino-americano ilustrou o catálogo, que eu saiba.

Fui chamado para todos os júris. E isso é importante porque, quando estou lá, coloco o nosso ponto de vista. Não somos nós que temos que nos adaptar ao ponto de vista deles. Nós temos que dizer as nossas coisas; que somos tudo isso também. O Brasil é, ainda, o mundo da possibilidade. É exótico, por um lado, mas é o lugar do possível, por outro. E sinto que as pessoas gostaram dessa remexida. O curioso é que, se não fosse por um australiano, o Brasil teria sido o primeiro país do hemisfério sul a receber o prêmio no campo da imagem.

O International Board on Books for Young People (IBBY), que concedeu o prêmio, e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), que é a sua representante no Brasil, já queriam que um latino-americano ganhasse. Na época, o presidente falou que há muito não se comemorava tanto. Eu disse para premiar mais a América Latina. Porque nós sabemos fazer imagem. E temos o nosso jeito de fazer.

Acho que foram dois prêmios importantes para nós: o Hans Christian Andersen, que recebi, e o Astrid Lindgren Memorial Award (Alma), que a ilustradora argentina Isol recebeu, e o nosso trabalho visual tem muita coisa para alavancar. A América Latina já havia sido subtraída muitas vezes na categoria de ilustração. Por isso, o lance legal não é nem ganhar, é mudar esse quadro de não se pesquisar a América Latina do jeito que ela merece ser pesquisada e interpretada.

Há livros que você produziu inteiros — ilustração e texto escrito — e outros que você só ilustrou. Qual processo é seu preferido? Por quê?

O livro é como o teatro. No teatro, às vezes eu sou chamado para escrever uma peça ou para fazer cenário. E eu chamo outros profissionais, como Ney Madeira para fazer o figurino, ou o Aurélio de Simoni, para cuidar da iluminação. Ainda tem os atores etc. No teatro todas essas coisas fazem parte e, no livro, a mesma coisa. É um trabalho em conjunto. Eu ilustrei um livro do Guimarães Rosa, o *Zoo*, e *Jonas e a sereia*, da Zélia Gattai. Cada trabalho é realizado de um jeito diferente. E não é porque eu ilustrei a palavra escrita do outro ou porque outro ilustrou a minha, como a Graça Lima e a Mariana Massarani em *Vizinho, vizinha*. É porque cada livro é um processo de criação única. O diálogo que temos é intenso. Mariana Massarani, por exemplo, pesquisa muito. Quando estávamos produzindo *Inês*, ela

achava mais elementos de pesquisa sobre Enheduanna, nosso próximo livro, do que sobre Inês de Castro. E o diálogo com as editoras também é importante porque o livro vai e volta muitas vezes. E tem que ser assim. Porque o leitor, a criança merece toda essa dedicação e mais um pouco. Elas merecem o nosso melhor e também merecem ser parte desse processo. Todo processo com a criança é dialógico, é filosófico, é artístico, é poético e é visualidade.

Ziraldo falava uma coisa interessante sobre o processo artístico. Ele dizia que para fazer uma caricatura do Carlos Drummond parecia que ele tinha feito em cinco minutos. Sim, ele tinha. Mas, para fazer essa em cinco minutos, ele demorou uma semana e mil caricaturas. Ou seja, não dá para ser rápido e dizer que foi o caos que fez isso. O caos faz parte do processo de criação, mas não se pode confiar apenas no caos. Então, se você for fazer arte de cinco minutos, você vai demorar muito tempo para fazer. Mais uma vez, as coisas são muito contraditórias na arte: o bonito é feio, o feio é bonito, o rápido demora muito e o que demora muito é rápido. Tudo funciona muito mais às avessas do que o que parece ser porque o mundo da arte não é pragmático. Ele gera, também, uma possibilidade de pragmatismo, mas ele não é pragmático. Uma coisa é oposta da outra.

Você disse que está escrevendo um livro, pode contar um pouco mais sobre ele e sobre o processo?

Eu nunca estou fazendo apenas um único livro. Por exemplo, estou escrevendo sobre Enheduana, a primeira pessoa que assinou um texto, que foi há, aproximadamente, quatro mil anos. Ela escreveu poemas e a maioria foi para Inanna, uma das primeiras divindades femininas. Enheduana inspirou todo mundo: Gilgamesh, Homero etc. A Mariana Massarani está criando as imagens da história. O projeto gráfico fica entre nós dois.

Também acabo de criar um livro junto com o artista coreano Wu Hsin-huei, em um interessante processo que foi feito viajando pelo mundo. O livro teve início na Coreia. Depois, veio para o Brasil e foi para Chicago. Trata-se da história de Magma, um menino que tem sua força relacionada ao grande vulcão de uma ilha. O primeiro livro foi feito em inglês, mas o lançamento vai ser em coreano. Até o fim, falamos sobre as páginas, a composição da narrativa e da escolha da soberania da imagem sobre o texto escrito.

O jogo entre palavra escrita e imagem era uma das discussões e era clara a necessidade de visualidade e de materialidade. Isso porque, mesmo dos dois lados da argumentação, a palavra também deveria ser compreendida como visualidade.

LIVROS ILUSTRADOS DE ROGER MELLO

Apresentamos, a seguir, obras de autoria e ilustrações de Roger Mello, com sugestões de atividades para desenvolver em sala de aula.



Meninos do mangue

1ª ed. 2001

72 p. – Brochura – 18,5 x 27,5 cm

ISBN: 978-85-740-6103-0

Jabuti 2002 | Prêmio FNLIJ 2001 | Prêmio Ofélia Fontes 2001

Meninos do mangue conta a história do dia em que Sorte e Preguiça foram caçar siri e fizeram uma aposta. Ganhou aquele que catasse um siri com mais patas. Sorte ganha e Preguiça tem que contar oito histórias, número de patas do siri vencedor. Assim, o leitor faz um mergulho no manguezal de Maré Alta e Maré Baixa e na vida das crianças que vivem por lá. Presentes em toda a costa do Brasil, os manguezais de Recife e do Rio de Janeiro inspiram a história, assim como a riqueza natural do ecossistema e a pobreza de suas famílias, que constroem as casas nas encostas e sobrevivem da pesca e de catar siri. A narrativa verbal apresenta o aspecto mais prosaico

do cotidiano das pessoas, como o fato de as crianças se relacionarem com esse espaço como lugar para brincar com siris. As representações do manguezal por meio das ilustrações são fascinantes pelas cores fortes e quentes, e pela diversidade de elementos escolhidos para sua composição para representar a fauna, a flora e os elementos de construção humanos. A escolha do uso de materiais recicláveis e de tinta também é uma tentativa de recriar a diversidade das paisagens e, ao mesmo tempo, relatar um problema sério para o ecossistema: o acúmulo de lixo.

ATIVIDADES SUGERIDAS PARA A SALA DE AULA (ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I E INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL II)

O livro possibilita diferentes trabalhos, inclusive explorando diferentes componentes, como ciência, geografia, arte e língua portuguesa. A partir de uma abordagem integrada, proponha uma análise que possibilite explorar o livro de modo a contemplar esses diferentes componentes e áreas do conhecimento.

Antes da leitura, verificar o conhecimento dos alunos sobre manguezal e mangue². Perguntar a eles o que são os manguezais, onde se localizam e suas características. Mostrar algumas imagens de manguezais do Recife e do Rio de Janeiro. Pedir aos alunos que descrevam esse ecossistema, indicando elementos que consigam identificar da fauna, da flora e de construção humana na paisagem. Listar a resposta dos alunos. Deixar o registro à vista, para que essas informações possam ser retomadas mais tarde.

Apresentar aos alunos a diferença entre mangue e manguezal, diferenciando-os. Explicar que mangue é um tipo de vegetação encontrada no manguezal, ecossistema costeiro de transição entre os ambientes terrestre e marinho³.

Apresentar o livro *Meninos do mangue* — no qual predomina o texto verbal, porém as ilustrações presentes marcam o início, o meio e o fim de cada momento narrativo ou de cada história contada. Folhear o livro com os alunos. Pedir que eles antecipem os acontecimentos por meio da leitura das sequências das narrativas visuais⁴.

2 (EF07CI07) Caracterizar os principais ecossistemas brasileiros quanto à paisagem, à quantidade de água, ao tipo de solo, à disponibilidade de luz solar, à temperatura etc., correlacionando essas características à flora e fauna específicas.

3 (EF02CI04) Descrever características de plantas e animais (tamanho, forma, cor, fase da vida, local onde se desenvolvem etc.) que fazem parte de seu cotidiano e relacioná-las ao ambiente em que eles vivem.

4 (EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

Durante a leitura, retomar as antecipações realizadas, verificando se as interpretações estavam de acordo com o proposto no texto. Verificar se os alunos perceberam que, mesmo que o livro tenha mais texto escrito que ilustrações, as imagens contribuem para o sentido da história e para a percepção dos temas propostos.

Propor aos alunos que elenquem os elementos que compõem as imagens pelas cores, pelos elementos e pela diversidade de aspectos, que representam a fauna, a flora, os elementos de construção humana e o lixo⁵. Comparar com a lista do ecossistema produzida antes da leitura do livro. Propor que eles relacionem o espaço ficcional com o espaço real pesquisado.

Após a leitura, organizar os alunos por grupo e atribuir a cada grupo a leitura de uma história. Orientar que cada grupo realize a leitura, reproduzindo a história de Preguiça. Orientá-los à leitura, que pode ser em voz alta ou semicompartilhada⁶. Eles devem identificar o personagem principal da história contada por Preguiça, suas características e a ação principal, justificando porque essa é uma das oito histórias que o menino escolheu para contar. Para complementar a leitura realizada pelos grupos, propor aos alunos que identifiquem recursos dos manguezais e fenômenos da natureza, atrelados às tradições, crenças, usos e costumes da comunidade local que, ao longo do tempo, tornaram-se lendas e histórias da relação dos moradores com o ambiente⁷. Solicitar que eles apresentem para os colegas os resultados da leitura e das discussões em grupo.

Para finalizar, leia em voz alta o posfácio sobre o documentário *O ciclo do caranguejo*, baseado no trabalho de Josué de Castro. Promover uma pesquisa em grupo sobre o assunto e sugerir que cada grupo retrate o ciclo por meio de uma criação artística inspirada na técnica utilizada por Roger Mello, com materiais reciclados e tinta.

5 (EF05GE11) Identificar e descrever problemas ambientais que ocorrem no entorno da escola e da residência (lixões, indústrias poluentes, destruição do patrimônio histórico etc.), propondo soluções (inclusive tecnológicas) para esses problemas.

6 (EF12LP02) Buscar, selecionar e ler, com a mediação do professor (leitura compartilhada), textos que circulam em meios impressos ou digitais, de acordo com as necessidades e os interesses.

7 (EF02GE02) Comparar costumes e tradições de diferentes populações inseridas no bairro ou comunidade em que vive, reconhecendo a importância do respeito às diferenças. | (EF02GE04) Reconhecer semelhanças e diferenças nos hábitos, nas relações com a natureza e no modo de viver de pessoas em diferentes lugares.



João por um fio

1ª ed. 2006

48 p. – Capa dura – 22,5 x 15,5 cm

ISBN: 978-85-740-6323-2

Prêmio FNLIJ 2001 – Categoria Melhor Ilustração

João por um fio conta a história de João, filho de pescador que, ao ser colocado para dormir sob uma colcha de renda feita à mão, perde-se em seus pensamentos, mergulhando em um mar de sonhos. O uso do desenho em linhas, feito com caneta esferográfica, funciona como fio condutor da narrativa. O livro é um verdadeiro “manto de palavras”, pois o fio que ilustra a narrativa visual também conduz a narrativa verbal. Esse fio da história é o fio da manta de dormir, das tecelãs, das histórias que são contadas e da rede de pesca, que representa a profissão do pai de João e a relação do personagem com esse trabalho que envolve medo, inclusive do grande peixe que invade o sonho, e coragem.

ATIVIDADES SUGERIDAS PARA A SALA DE AULA (ENSINO FUNDAMENTAL II)

O livro *João por um fio* pode ser trabalhado a partir de diferentes perspectivas: das cantigas e narrativas tradicionais, de uma conversa com os alunos sobre medos e sonhos ou sobre profissões, do ponto de vista da cultura litorânea⁸ brasileira etc. Aqui é proposta a relação que os textos verbal e visual estabelecem entre si por meio do fio.

O fio é constantemente transformado ao longo da narrativa, produzindo composições variadas, representando peixes, formas geométricas ou até mesmo figuras humanas, chegando a se transformar num peixe grande e furioso que quer devorar João. Graficamente, ele se torna um marcador de páginas, como se tivesse sido fogado por uma vara de pesca ou um fio da colcha.

8 (EF03GE03) Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares.

Apresentar o livro para os alunos. Ler o título e, em seguida, folheá-lo, apresentando apenas a sequência da narrativa visual. A partir da leitura visual, questioná-los sobre o fio a que o título se refere. Perguntar: “Que fio será esse?”⁹. Anotar as hipóteses levantadas.

Realizar a leitura em voz alta, uma primeira vez sem interrupções, apenas do texto escrito. Em seguida, ler novamente, desta vez de forma compartilhada, apresentando as ilustrações das páginas para ampliar a compreensão dos alunos, retomando as hipóteses levantadas sobre o fio antes da leitura¹⁰.

Realize pausas ao longo da narrativa, de modo que os alunos possam identificar no texto e na imagem características de João: seus medos, seus desejos etc. Essas informações podem estar no texto escrito (“João deixa escorrer um lago feito de medo, para girinos e conchas¹¹. Um lago redondo inundando o colchão. Peixes deslizam mais que sabonete. Que rede segura um peixe maior que a gente?”) ou no texto visual (página anterior ao texto).

Relacionar aspectos de fruição, discutindo com os alunos seus medos e sonhos, a partir da narrativa. Em relação aos aspectos cognitivos, retomar o final do livro e as hipóteses levantadas por eles a respeito do fio. Espera-se que eles percebam que a resposta à questão é aberta, assim como o final da obra, pois o autor sugere que tudo poderia ter sido um sonho ou que a rede (ou a história) desfiou e, então, João teria que tecer tudo novamente.

A narrativa verbal tem o lirismo típico de uma cantiga ou canção de ninar¹². A combinação entre as linguagens verbal e visual é necessária, pois apresenta limites de ruptura entre a arte (representada pelo poema visual estético) e a arte popular (representada pela fiação da história de pescador e da canção de ninar da tradição oral). Pedir para os alunos para que eles reproduzam as cantigas ou músicas que ouviam ou que seus familiares ouviam na hora de dormir. Compartilhar em uma roda, orientando-os a escutar o colega.

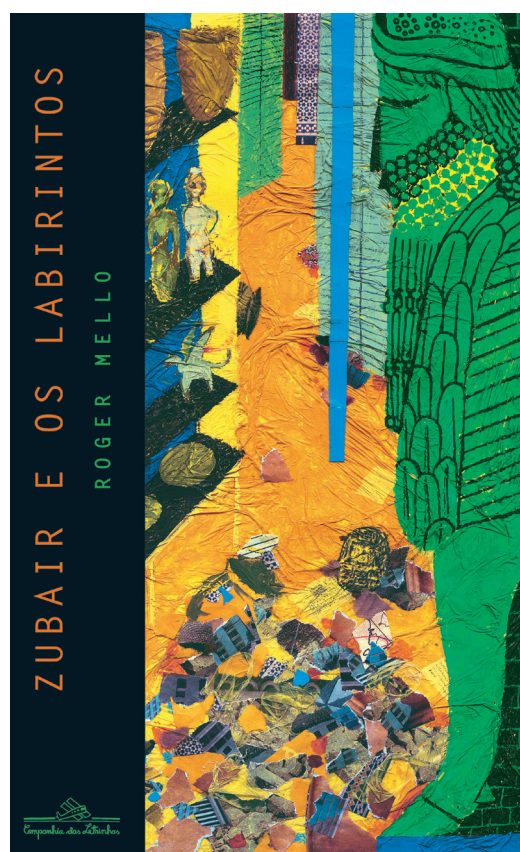
9 (EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

10 (EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (presuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

11 (EF01LP26) Identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço.

12 EF02LP12) Ler e compreender com certa autonomia cantigas, letras de canção, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionando sua forma de organização à sua finalidade. | (EF02LP15) Cantar cantigas e canções, obedecendo ao ritmo e à melodia.

Que tal promover uma roda de contação de histórias¹³? Convide os alunos para trazer narrativas orais que fazem parte de seu repertório familiar e/ou de seu grupo de convívio¹⁴. Propor uma roda para que os alunos possam compartilhar essas histórias. Em seguida, sugira a criação coletiva de uma história¹⁵, relacionando o faz de conta à improvisação. Entregar para cada aluno um pedaço de linha e orientá-los a entrelaçar a linha com a do colega durante a participação na criação da narrativa. Iniciar com uma sentença para que os alunos possam dar continuidade. Ao final, estenda a linha com os nós para que eles verifiquem como o fio se transformou ao longo da contação.



Zubair e os labirintos

1ª ed. 2006

32 p. – Brochura – 16,5 x 27 cm

ISBN: 978-85-740-6297-6

13 (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias [...]

14 (EF04GE01) Selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afrobrasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional e brasileira.

15 (EF35LP25) Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, além de marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens.

Em 2003, quando a capital iraquiana foi invadida e conquistada na Batalha de Bagdá, os sítios arqueológicos e monumentos arquitetônicos, considerados patrimônios da humanidade, foram destruídos e museus e bibliotecas foram saqueados. *Zubair e os labirintos* é uma história que apresenta essa situação caótica e terrível por meio de um jogo poético que celebra documentos, artefatos, fontes e conhecimentos roubados e destruídos. Por meio do projeto gráfico e das ilustrações, o livro simboliza as perdas e o horror da guerra, além do resgate e da valorização das culturas mesopotâmica, acádia, babilônica, assíria e suméria. Na capa, à esquerda, há uma tarja preta, que remete aos temas relacionados à guerra, como morte, caos e luto. Também há três ilustrações coloridas: uma na capa e outras duas à medida em que o livro é aberto e as abas, desdobradas. Essas imagens representam as cenas das perdas e dos destroços do lugar. No desdobrar das abas, é possível encontrar o livro *Os treze labirintos*, que deve ser lido da direita para a esquerda. Nesse ponto da narrativa, o personagem Zubair depara com enigmas e o leitor participa dos labirintos como personagem.

ATIVIDADES SUGERIDAS PARA A SALA DE AULA (ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I E INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL II)

Zubair e os labirintos mostra que a violência pode ser representada e combatida com a leveza da arte literária, com a imaginação e com o conhecimento. Organizar os alunos e atribuir a cada grupo uma cultura que aparece no livro antes da leitura. Peça para que eles pesquisem sobre informações históricas, sociais, políticas e culturais sobre as culturas mesopotâmicas, acádia, babilônica, assíria e suméria¹⁶. Cada grupo deve apresentar, com auxílio de recursos visuais ou audiovisuais, o resultado de suas pesquisas. Ampliar a proposta de pesquisa para esses mesmos grupos. Desta vez, eles devem pesquisar o que foi a Batalha de Bagdá e seus impactos. Cada grupo deve ser responsável por um tipo de informação, trazendo notícias de diferentes meios, impressos e digitais. Essa antecipação dos conhecimentos permitirá que os alunos tenham mais empatia e alteridade na hora da leitura.

Ler a história. Começar pela leitura em voz alta e, quando chegar à parte dos labirintos, propor a leitura compartilhada. Após a leitura, retomar o percurso de leitura, questionando-os sobre as modalidades de leituras que eles

conhecem. Convidar os alunos para uma roda de conversa sobre as diferentes formas de ler e sobre o que se lê. Ampliar o horizonte dos alunos sobre leitura, buscando referências antigas sobre a leitura de papiro, relacionando-a com a leitura de blogs e *feeds* de redes sociais¹⁷ — no sentido vertical —, a leitura de livros no ocidente — da esquerda para a direita —, e, no oriente, da direita para a esquerda, na horizontal. Discutir outras formas de leitura, como de imagens estáticas, sequenciais e imagens em movimento, como em vídeo¹⁸. Ampliar para outras leituras, como a de gestos e outras modalidades, pedindo para que os alunos deem exemplos dessas leituras.

Após a leitura, reunir-se em roda de discussão para falar sobre fontes e documentos históricos e a importância dos patrimônios históricos¹⁹. Identificar na narrativa quais locais importantes haviam sido destruídos e saqueados, discutindo por que isso afetaria não apenas o povo do Bagdá, mas toda a humanidade. Em seguida, questionar os alunos sobre os patrimônios materiais e imateriais de onde vivem e quais seus lugares e objetos importantes, que devem ser preservados e por quê.

Por fim, propor a retomada dos labirintos da narrativa, em busca de Zubair. Verificar se os alunos percebem qual a proposta de cada um dos labirintos. Questioná-los sobre a proposta do décimo terceiro, que “tinha se perdido”, pois quando a página do penúltimo labirinto é virada, surge, novamente, a história de Zubair. Ou seja, o labirinto que o personagem procura é o mesmo no qual ele entra: a história d’Os treze Labirintos. A saída é buscar Zubair pelo labirinto. Pedir para que eles ilustrem Zubair sendo encontrado dentro do labirinto de palavras.

17 (EF09LI13) Reconhecer, nos novos gêneros digitais (blogs, mensagens instantâneas, tweets, entre outros), novas formas de escrita (abreviação de palavras, palavras com combinação de letras e números, pictogramas, símbolos gráficos, entre outros) na constituição das mensagens.

18 (EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

19 (EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas. | (EF05HI03) Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.



Carvoeirinhos

1ª ed. 2009

60 p. – Capa dura – 27 x 21,8 cm

ISBN: 978-85-740-6371-3

Em *Carvoeirinhos*, a história é contada pelo narrador e personagem marimbondo, que relata suas experiências enquanto observa o cotidiano das crianças que trabalham indústria do carvão. O leitor conhece o trabalho árduo de se fazer fornos, e a narrativa revela a realidade dessas crianças e seus medos relacionados à necessidade de escapar dos fiscais e de se manter no trabalho.

Publicado em capa dura, as ilustrações do livro ocupam página dupla e são imagens expressivas, feitas com papéis recortados e amassados, principalmente em preto e diferentes tons de cinza, captando o cotidiano duro, desolador, efêmero e cinzento das carvoarias. Para representar o fogo, os papéis utilizados são nas cores laranja, vermelha e rosa-choque, fazendo contraste com as outras cores.

Trata-se de uma obra artística com temática social, que parte da narrativa gráfico-verbo-visual e fala sobre um problema social complexo com leitores de todas as idades.

ATIVIDADES SUGERIDAS PARA A SALA DE AULA (ENSINO FUNDAMENTAL I)

Muitos livros infantis apresentam histórias com repetição de padrões, universos e personagens que reforçam estereótipos ou temas constantemente trabalhados. Entretanto, há livros como *Carvoeirinhos*, que problematizam questões urgentes, sobretudo para a infância. O livro mostra a realidade do trabalho infantil por meio da narrativa visual, ao mesmo tempo que dialoga com o universo infantil, apresentando a história mediante um

narrador-personagem animal, o marimbondo. Mais do que isso, a narrativa propõe que outro mundo é possível²⁰.

Ler o livro para os alunos. Depois, propor que eles indiquem as sensações que as ilustrações provocam neles, sobretudo quando o marimbondo-narrador fala sobre o fogo e de como ele se espalhou rapidamente. Apresentar as páginas duplas com os papéis coloridos para compor as labaredas, de cores laranja, vermelha e rosa-choque, aplicados sobre a folha preta²¹. Perguntar aos alunos, sem ler o texto: “Qual sensação essa cena causa em vocês? O que vocês acham que representa essa ilustração?”. Depois da colocação dos alunos, leia o texto e pergunte novamente a sensação que a ilustração causa. Verifique se as sensações mudaram ou permaneceram as mesmas. Propor mais uma experiência visual desse tipo, com a imagem da sala dos caldeirões com lava. Nesse caso, a página dupla também possui leve aspereza na técnica utilizada para pintar a lava. Por isso, além de mostrar, deixe-os tocar na ilustração. Depois da experiência tátil-visual, questione-os sobre as sensações que eles tiveram sobre a ilustração e o que ela representa. Leia o texto novamente e verifique se eles mantêm as respostas.

A partir dessa experiência, retomar a proposta temática social do livro sobre trabalho infantil. Relacionar as ilustrações aos locais onde essas crianças trabalham. Apresentar imagens de crianças trabalhando na vida real (carvoeiros, na rua, lixão, plantações). Pedir para que os alunos formem grupos e discutam sobre aquelas imagens. Perguntar sobre o que eles pensaram enquanto observaram as imagens e se, na opinião do grupo, é correto uma criança trabalhar o dia todo e não ter tempo de ir à escola nem de brincar. Os grupos devem justificar as respostas. Pedir para que cada grupo apresente as conclusões. O objetivo é mostrar que existem crianças em situações distintas e com realidades diferentes. Coletivamente, fazer a leitura das imagens e conversar com os alunos sobre essas diferentes realidades. Retomar como está posta a realidade dos carvoeirinhos no livro. Logo após a leitura, abrir espaço para os alunos darem suas opiniões sobre a situação apresentada na obra.

Se possível, apresente a Declaração dos Direitos da Criança aos alunos²². Esse é um documento muito impor-

20 (EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

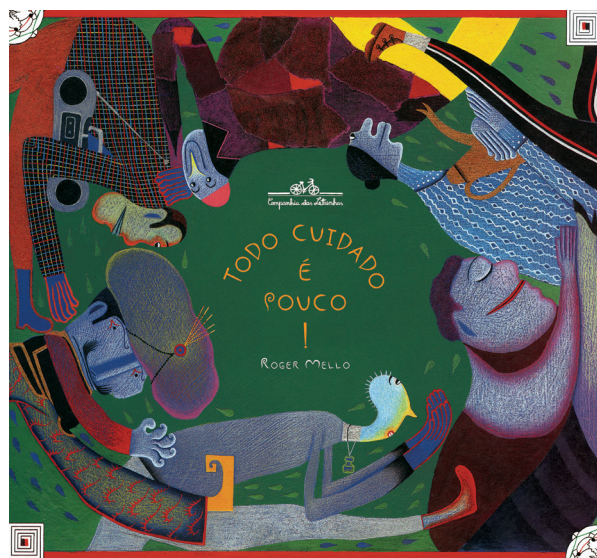
21 (EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

22 No campo de atuação da vida pública ganham destaque os gêneros legais e normativos – abrindo-se espaço para aqueles que regulam a convivência em sociedade, como regimentos (da escola, da sala de aula) e estatutos e códigos (Estatuto da Criança e do Adolescente e Código de Defesa do Consumidor, Código Nacional de Trânsito etc.), até os de ordem mais geral, como a Constituição e a Declaração dos Direitos Humanos, sempre

tante, que precisa ser amplamente lido e conhecido pelas crianças, seus familiares e responsáveis. Ele pode contribuir para a diminuição da taxa da exploração e violência das crianças. Ao final, propor aos alunos que eles escrevam e ilustrem os princípios presentes na Declaração, como se fossem o narrador-personagem, o marimbondo²³. Eles devem utilizar recortes de papel, com as cores que expressem melhor o que cada princípio significa. Distribuir um princípio para cada grupo, que deve justificar suas escolhas de composição e de cor, com base nas sensações que elas provocam, e relacioná-las com o texto escrito.

MAIS LIVROS ILUSTRADOS DE ROGER MELLO

Conheça outras duas obras de Roger Mello, com diferentes propostas estéticas, exploradas de forma única: uma que apresenta personagens e paisagens brasileiras e outra com ilustrações compostas por fotografias em P&B, criando uma narrativa sensível.



Todo cuidado é pouco!

1ª ed. 1999

36 p. – Brochura – 28 x 26 cm

ISBN: 978-85-740-6048-4

tomados a partir de seus contextos de produção, o que contextualiza e confere significado a seus preceitos.

23 Também é possível propor que os alunos produzam vídeos e montem vlogs que promovam a discussão dos direitos, tendo o marimbondo como o vlogueiro, interlocutor — (EF05LP18) Roteirizar, produzir e editar vídeo para vlogs argumentativos sobre produtos de mídia para público infantil (filmes, desenhos animados, HQs, games etc.), com base em conhecimentos sobre os mesmos, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.

Quando o jardineiro não pode mais vigiar a rosa branca porque está gripado, uma série de situações é apresentada ao leitor, como se um fato puxasse o outro, encaixando-os; como se todos estivessem conectados até chegar à conclusão de que a rosa branca escondeu a rosa dos ventos. A brincadeira de causa e consequência iniciada em *Todo cuidado é pouco!* é interrompida no meio do livro, quando a narrativa volta em sentido contrário a partir de uma afirmação dada pelo narrador: a rosa branca não poderia ter escondido a rosa dos ventos porque nunca saiu do cercado. Essa afirmação altera o destino de todos. Novamente, há um desfile de personagens até o leitor chegar novamente à rosa branca e ao jardineiro que, nesse caso, nunca ficou gripado. Mas, espere aí! O narrador avisa de novo algo que vai mudar a história: vai começar a chover...

ATIVIDADES SUGERIDAS PARA A SALA DE AULA (ENSINO FUNDAMENTAL I)

Propor aos alunos uma brincadeira conhecida: telefone sem fio. Peça para que os alunos se sentem um ao lado do outro. O primeiro vai fazer uma pergunta para o último, e cada aluno deve falar, ao ouvido do colega, o que ouviu. Ao final, o colega vai responder à pergunta. Quando a resposta voltar, quem fez a pergunta vai dizer qual foi a pergunta feita e a resposta recebida. Quem mandou a resposta também vai contar a pergunta que ouviu e a resposta que deu. Explicar aos alunos a importância da comunicação, a complicação que as falhas e os ruídos podem causar e que, em algumas situações, uma pessoa depende da outra para receber a informação corretamente.

Ler *Todo cuidado é pouco!*. Peça para que os alunos identifiquem quem são os personagens, quais são as suas características e a quem eles estão relacionados. Rer o livro e pedir para que eles notem o que acontece com esses mesmos personagens quando o narrador informa que a rosa branca nunca saiu do cercado. Ao final, o narrador indica que vai começar a chover. Perguntar o que isso significa para os personagens²⁴. Pedir para que os alunos indiquem o que vai acontecer caso chova. Verificar se eles compreenderam o exercício de organização das causas e consequências que a narrativa propõe.

Em seguida, focar a figura do narrador. Questionar os alunos se ele é de confiança: “Por que uma hora ele fala uma coisa e, em outro momento, diz outra?”. Perguntar se eles conhecem sites, jornais e outros meios de

24 (EF35LP25) Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens.

contradança
roger mello


Companhia das Letrinhas

ISBN: 978-85-740-6448-2

25 (EF05LP16) Comparar informações sobre um mesmo fato veiculadas em diferentes mídias e concluir sobre qual é mais confiável e por quê.

Que tal falar sobre um assunto que é polêmico? Balé para todos²⁸? O objetivo é propor a experimentação do

28 (EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sen-

balé como linguagem artística, que deve ser vivenciada e explorada por meio da quebra de estereótipos. Perguntar o que os alunos acham do balé. Contribuir para a discussão, fazendo perguntas que coloquem os estereótipos que surjam em questionamento. Se possível, levar exemplos de homens e mulheres, de diferentes idades, etnias e corpos dançando balé. Convidar os alunos para conhecer as principais posições do balé, sobretudo de pernas e braços. Permitir que eles adaptem as posições ao corpo, sem ser obrigados a realizá-las corretamente.

OUTROS LIVROS DE ROGER MELLO!

Apresentamos, também, outras obras de Roger Mello: uma escrita pelo autor, com uma proposta narrativa diferente das anteriores, e outras duas que foram criadas em parceria com as artistas Graça Lima e Mariana Massarani.



Em cima da hora

1ª ed. 2004

96 p. – Brochura – 14 x 19 cm

ISBN: 978-85-740-6213-6

timentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música. | (EI02CG03) Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações. | (EF15AR10) Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado. | (EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

Imagine só: entrar em um elevador e, de repente, ele parar. Além de não poder fazer nada e ter que esperar pela manutenção, você está com mais seis pessoas estranhas, que também ficaram presas. Imaginou? Pois é o que acontece no livro *Em cima da hora*. Nessa história, os capítulos funcionam como peças de um quebra-cabeça, que pode ser montado a partir da leitura da narrativa — e esta conduz o leitor por um passeio pelos pensamentos dos sete passageiros. A partir dos monólogos interiores de cada um, é possível saber o que aconteceu e os levou até o elevador, e o que eles estão pensando enquanto a máquina está parada.

ATIVIDADES SUGERIDAS PARA A SALA DE AULA (ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I E INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL II)

Que tal propor aos alunos uma dramatização do enredo do livro *Em cima da hora*? A ideia é que eles representem as cenas²⁹, considerando a caracterização dos personagens³⁰, os gestos, além de criar deslocamentos pensados pelo espaço cênico, soltando a imaginação. Reunir os alunos para a realização de uma leitura compartilhada participativa do livro. Começar lendo em voz alta o primeiro capítulo e convidar os alunos para a leitura dos seguintes. Em seguida, propor que eles se reúnam em grupos. Atribuir a cada seis alunos um ou mais capítulos. Orientar os grupos a transformar o texto de discurso direto em um texto teatral. Lembre-os de escrever as indicações cênicas, como: figurinos, cenários, movimentações cênicas etc.

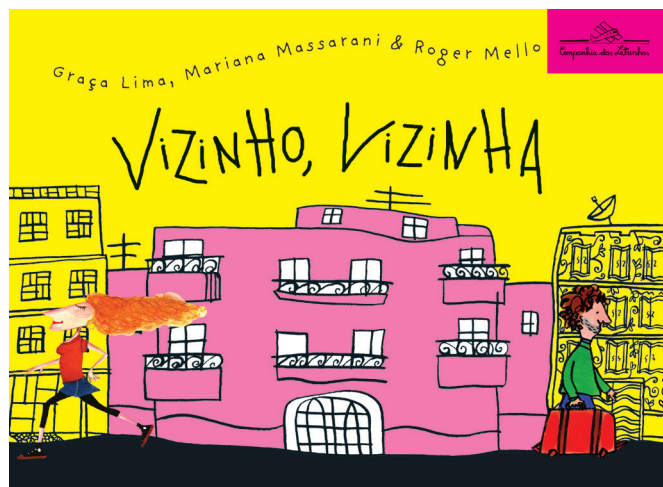
Propor a dramatização do trecho do texto transposto para texto teatral. Convidar os grupos a apresentar o texto. Orientar a distribuição de personagens e falas, incluindo a do narrador, se houver. Eles devem ensaiar e, em seguida, apresentar aos colegas a dramatização da cena, sem auxílio do texto. Incentive-os a improvisar, conhecendo seus respectivos personagens³¹. Que tal iniciar as apresentações dos grupos na sequência proposta na narrativa e, depois, propor que os grupos realizem as apresentações em outra

29 (EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação.

30 (EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.

31 (EF69AR30) Compor improvisações e acontecimentos cênicos com base em textos dramáticos ou outros estímulos (música, imagens, objetos etc.), caracterizando personagens (com figurinos e adereços), cenário, iluminação e sonoplastia e considerando a relação com o espectador.

sequência, mudando a ordem dos acontecimentos? Será que a história terá o mesmo sentido? O quebra-cabeça terá as peças encaixadas da mesma forma?



Vizinho, vizinha

1ª ed. 2002

Ilustrado por: Graça Lima, Mariana Massarani e Roger Mello

36 p. – Brochura – 28,5 x 21 cm

ISBN: 978-85-740-6149-8

Dois moradores do prédio localizado na rua do Desassossego, número trinta e oito, não imaginam como é a vida um do outro quando se encontram no corredor. Enquanto o vizinho do apartamento cento e um lê quadrinhos e fabrica uma cidade de papel, a vizinha do cento e dois toca clarineta, cria um rinoceronte embaixo da pia e coleciona livros. Quando as crianças — sobrinha do vizinho e neto da vizinha — encontram-se no corredor, as portas se abrem e o *hall* se torna um lugar único, de interação, encontros, trocas e transformações. Será que o vizinho e a vizinha vão aprender com as crianças que o corredor é mais que um espaço de passagem? Que ele pode ser um convite para interagir e espantar a solidão?

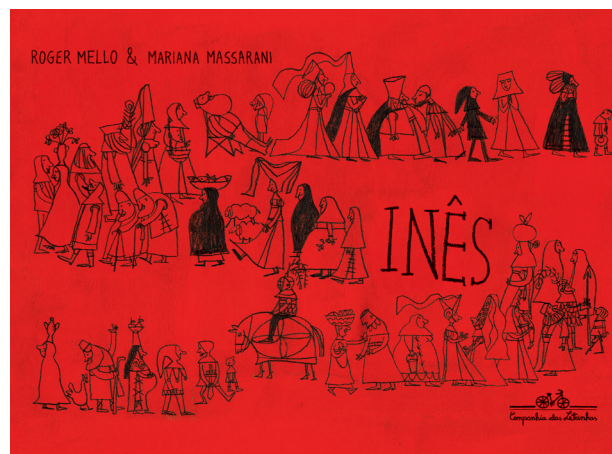
ATIVIDADES SUGERIDAS PARA A SALA DE AULA (EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL I)

O que aconteceu depois que o vizinho convidou a vizinha para ir à sua casa? Depois da leitura compartilhada do livro, organize uma roda de conversa³² e peça que os alunos imaginem as conversas que os dois tiveram. Eles podem criar diálogos, histórias e até mesmo encenar as conversas que os dois podem ter tido.

32 (EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.

Em seguida, propor uma brincadeira em duplas. Organizar a sala de aula como se fosse um andar do prédio da rua do Desassossego, número trinta e oito, só que o andar de baixo do Vizinho e da Vizinha, os números noventa e um e noventa e dois. Enquanto um aluno vai morar no apartamento noventa e um, o outro deve ser o seu vizinho (ou vizinha) do noventa e dois. Cada um deve ter uma mania e colecionar alguma coisa. Eles devem criar seus personagens e conversar quando se encontram no corredor³³, lembrando que, para a imaginação, tudo é possível!

Por fim, organizar os alunos sentados um ao lado do outro em trios e distribuir cartolina, lápis de cor, giz de cera, papel colorido, cola, tinta aquarela, pincel e outros materiais para que eles possam desenhar, coletivamente, uma cena da escola. Convide-os a reproduzir, utilizando pintura, aquarela, colagem etc., suas carteiras e seus materiais³⁴. É permitido que um aluno utilize a mesma técnica artística escolhida por um colega do trio; o importante é que cada aluno faça uma parte do desenho. Os trios devem apresentar suas composições. Fazer uma exposição “Vizinho, vizinha da sala de aula”.



Inês

1ª ed. 2015

Ilustrado por: Mariana Massarani

56 p. – Capa dura – 27,5 x 20,5 cm

ISBN: 978-85-740-6662-2

FNLIJ: Criança Hors-Concours | White Ravens

33 (EI02EFv06) Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos | (EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

34 (EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais. | (EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

Inês conta a famosa história da rainha portuguesa Inês de Castro, que foi coroada depois de morta. Você já ouviu falar na expressão: “Agora Inês é morta!”? Ela surgiu a partir da história do amor proibido do príncipe de Portugal, Pedro, e Inês, que foi assassinada por ordem do rei de Portugal, pai de Pedro, que era contra o amor dos dois. Quando Pedro descobre que sua amada foi morta, ele manda desenterrá-la para oficializar seu casamento com ela, coroá-la e ainda faz com que todos os súditos participem do beija-mão da rainha. Recontada por Beatriz, filha do amor proibido de Inês e Pedro, a narrativa tem um tom inocente e delicado e, por mais que os temas sejam sobre amor, traição, assassinato e morte, a história é poética e envolvente, inclusive para os pequenos leitores.

ATIVIDADES SUGERIDAS PARA A SALA DE AULA (EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL I)

No final do livro *Inês*, Lilia Schwarcz, explica o ditado derivado da história de Inês: “Agora, Inês é morta”. Convidar os alunos a trazer outros ditados, principalmente os falados na época de seus avós e avós. A partir da discussão e do compartilhamento do ditado, questioná-los sobre o seu significado. Caso necessário, ler mais uma vez o livro para que os alunos prestem atenção nos acontecimentos e possam responder.

Explorar o texto de Lilia, que apresenta referências geográficas como o rio Mondego, a Quinta das Lágrimas e o Reino de Castela. Propor aos alunos que, em um primeiro momento, verifiquem as ilustrações de Mariana Massarani e como ela representa esses lugares e, em um segundo momento, localizem no mapa esses lugares, identificando se são lugares reais ou ficcionais e onde estão localizados³⁵.

Promover uma roda de conversa para discutir com os alunos a questão da perda e da morte. Propor algumas questões iniciais sobre o livro, procurando observar se eles compreenderam a história, e depois perguntar: “Vocês já perderam alguém?”³⁶ Como vocês se sentiram? Nesse momento, se necessário, retomar as ilustrações de Mariana Massarani que envolvem a narradora-personagem Beatriz e o que ela sentiu quando Inês foi morta — ou mesmo como Pedro se sentiu quando soube que haviam

assassinado o amor de sua vida. É importante discutir também os outros sentimentos que o livro apresenta, como amor, traição, raiva etc. Aproveite o momento da roda de conversa para que os alunos possam se expressar e falar o que sentem em relação, inclusive, à leitura.

Ao final, questione-os sobre a cor da capa, o vermelho; sobre o que seria. Alguns alunos podem relacionar a cor ao amor, à raiva, ao sangue etc. Nesse caso, a resposta é aberta. Combinar de reler o livro e realizar pausa quando a cor vermelha aparecer novamente, verificando qual significado lhe é atribuído³⁷.

35 (EF03GE06) Identificar e interpretar imagens bidimensionais e tridimensionais em diferentes tipos de representação cartográfica.

36 (EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir. | (EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos. | (EF15LP13) Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).

37 (EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

SÃO PAULO

Tel.: 11 3707-3500

professores@companhiadasletras.com.br

RIO DE JANEIRO

Tel.: 21 3993-7510

cristina.domingos@companhiadasletras.com.br

www.companhiadasletras.com.br/sala_professor

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.blogdaletrinhas.com.br

GRUPO
COMPANHIA
DAS LETRAS

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
CEP 04532-002 São Paulo / SP
Tel.: 11 3707-3500

SE VOCÊ ATUA FORA DAS CIDADES DE SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO,
LIGUE PARA NOSSOS REPRESENTANTES LOCAIS:

BAHIA LIVRARIA E DISTRIBUIDORA MULTICAMPI: **71 3277-8613**

CAMPINAS E REGIÃO DISTRIBUIDORA SABER E LER: **19 2121-4230**

CEARÁ LIVRARIA FORTLIVROS: **85 3278-1188**

DISTRITO FEDERAL ARCO-IRIS DISTRIBUIDORA DE LIVROS: **61 3244-0477**

ESPÍRITO SANTO GRUPO FORMAR: **27 3328-4686**

GOIÁS COMPANHIA GOIANA DISTRIBUIDORA: **62 3212-8144**

MINAS GERAIS BOA VIAGEM DISTRIBUIDORA: **31 3194-5000**

PARANÁ A PÁGINA DISTRIBUIDORA: **41 3213-5600**

PERNAMBUCO VAREJÃO DO ESTUDANTE: **81 3423-5853**

RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO LIVRARIAS PARALER: **16 3229-3777**

RIO GRANDE DO SUL MARCIA DREIZIK: **51 3019-9551/ 51 9984-6254**

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO E REGIÃO LIVRARIA ESPAÇO: **17 3234-5544**

TOCANTINS GURUPI DISTRIBUIDORA: **63 3216-9500**